

Borboletas machaon

## SCIENCIA POPULAR

### OS LEPIDOPTEROS DIURNOS

I

Lepidopteros! Termo esdruxulo, arrevezado, exotico, termo scientifico em fim, para denominar uns animaesinhos gentis e multicôres, de azas iriadas e esbeltas, de corpo formoso e elegante, de cabecinha bem aposta. Lepidopteros! Não conheceis estes animaesinhos! Eil-os ahi vão a voejar pela campina matizada de flores. Eil-os, quaes flores do ar, poisando sobre as flores da terra. Eil-os espanejando-se aos raios do sol de maio, zumbindo e folgando, gozando a vida ephemera, lidando no prazer que dura instantes, nescios do passado, nescios do futuro, descuidosos de tudo que não seja prazer e liberdade. Ainda os não conheceis? Pois vinde commigo. Que linda vae a manhã! Como a atmosphera estiva se ostenta pura e diaphana! A brisa matutina suspira de leve nas ramadas da floresta, que reveste as serras d'além. Lá, na orla do valle, sombreado pela copa verdoenga do ol-

meiro vetusto, pelas grinaldas pendidas e melancolicas do chorão, pelas robustas braçadas da carvalheira, ouve-se o borborinho de uma cachoeira, cujas aguas limpidas espadanam, beijam os lichens que enramam os rochedos, e caem logo, para deslisarem mansamente pelos seixinhos do álveo, descrevendo meandros caprichosos, demorando-se aqui n'uma angra, apressando-se n'aquella calheta, espraiando-se n'esta enseada, escondendo-se além n'uma gruta, aonde penetra um raio curioso de sol, coado por um entre-rameo, que mais parece sylpho zombeteiro que veiu brincar nos seios da naiade.

Na ramaria saltitam os passarinhos, que descantam os seus trilhos melodiosos, os seus quebros nativos, com que enchem de harmonias a solidão umbrosa. As searas de trigo loirejantes dilatam-se pela planicie, e já se ouve o canto dos cegadores, cuja riqueza é o trabalho. Reina por toda a parte o gozo, o prazer e a alegria. A terra desentranha-se em flores e fructos. A abundancia desterra as lagrimas e os cuidados do rosto queimado do seareiro, que, acurvado sobre a terra, rasga-lhe de continuo os seios fecundos e arranca os perpetuos thesouros que a mãe carinhosa concede aos lidadores.

Pelos recostos e espaldas das montanhas estendem os pampanos as suas grinaldas flexiveis, que na fimbria do valle, na orla do almargem, como encontrem terra humida e de fundão, enroscam-se pelos troncos dos salgueiros e dos castanheiros. O olivedo verdoengo e escuro já promette boa colheita, e lança na alma do lavrador fiadoras esperanças de um futuro prospero. O quadro é, pois, de alegria; o seu aspecto é prazenteiro e florido. Tudo sorri. Ouve-se um cantico de graças por meio de todos os effluvios que homens e coisas enviam ao ceo.

Pois no meio de tanta folgança para todos, mais que todos folgam... os lepidopteros. Cuidados! Nem sombra d'elles. Vêde como os mesmos passarinhos, os liberrimos filhos do ar, voam scismadores e pensativos, aquelle em cata de um bichinho com que alimentar os filhos implumes; este, todo afadigado e trêfego a construir o ninho aonde ha de alojar a prole; est'outro, acoitando-se tremulo, receioso, porque no alto descortinou a garra sanguinaria do milhano. Mas os lepidopteros, os alados epicuros, desdenham a menor sombra de occupação. A sua vida é brincar e gozar. Bem lhes importa o dia de ámanhã, se o dia de hoje é claro e limpido, se a atmosphera é azul e placida, se o sol apruma os seus raios creadores, se a campina se reveste de flores, se as papoulas abrem o calice e as pétalas purpurinas, se o nectar lhes offerta libações copiosas! Ámanhã é o incerto, o desconhecido. Ámanhã é o *talvez*, o *quem sabe* tremendo, é porventura o castigo para os maus e a tentação para os bons.

Gozar! gozar! parece bradarem os lepidopteros, que enxameam pressurosos aos raios ardentes. Sacerdotes gentis do sensualismo, arredam para longe tudo o que não seja prazer livre.

E agora não os conheceis ainda? Através do arrevezado do nome não adivinhaes a lindeza e formosura dos seres? Não? É que nunca vistes romper uma madrugada de estio, porque gastastes a noite admirando alguma scena melodramatica, mythologica ou pseudo-phantastica do theatro, illuminada por luz electrica.

É que nunca vistes no oriente, por entre os franjados arrojados das nuvens diaphanas, irromper um bruxulear esbranquiçado, depois um raio ainda tenue e indeciso, e logo um clarão roxo, purpurino, fulvo, um matiz de todas as côres, o sorriso da aurora que acorda.

É que nunca subistes á cumeada alpestre da serrania, nunca vos assentastes no bronco e informe granito cujas raizes penhascosas se entranham pela terra até aos soturnos alicerces da crusta solida, cujas grimpas esguias topetam com as nuvens, e titões formidaveis, sublimes e quedos, augmentam com a sua mesma mudez a magestade soberana da creação.

É que, depois de ter alongado os olhos saudosos pelo horisonte e dado largas á phantasia, que debalde interroga a derradeira e longinqua fimbria onde a terra oscula o ceo, onde o olhar se perde, o espaço acaba e se confunde a percepção; cançado já de tanto divagar pelos intermundios, nunca descestes a montanha, nunca vos embrenhastes pelo pinheiral adusto, e quando voltaveis para o casal, quando cruzaveis já os umbraes do tecto hospitaleiro, nunca parastes de repente extactico, admirado, perante a borboleta gentil que com a ponta da aza roça o vosso rosto. Sim! Essa é a borboleta, a formosa borboleta que o naturalista apanha viva e guarda cuidadosamente para a classificar no gabinete, que a criança, o anjo ás vezes cruel, persegue pela campina.

Essa é a borboleta que nos traz boas novas, que, offuscada, cega, vem queimar-se na luz que allumia a donzella que ás escondidas lê um romance terno, ou o sabio severo que nas vigilias busca o socego propicio.

Sim! os lepidopteros são as borboletas, essas maravilhas da creação que os poetas insossos tiveram artes de desacreditar, mas que a natureza, a perpetua juventude, se encarrega todos os dias de justificar. Estudemos, pois, em traços muito largos, os lepidopteres da sciencia, as mariposas dos poetas, as borboletas de toda a gente que falla a formosa lingua de Camões. Abramos esta pagina do grande livro da creação; decifremos apenas alguns lêmmas d'esse mysterio eleusiaco que se denomina natureza.

## II

A sciencia, essa vestal impolluta e candida, que se debruça eternamente sobre o altar da creação a inquirir-lhe os segredos sacrosantos; a sciencia, que os antigos symbolisavam em Minerva, a virgem por excellencia, filha do cerebro jovico e omnisciente, a deusa severa, grave, inflexiva, ao mesmo tempo modesta e varonil, matando Pallas porque intentou roubar-lhe o virgineo thesouro, ajudando Jupiter na guerra dos gigantes, construindo a nave dos argonautas com o lenho de Dadona; a sciencia, esse espirito subtil, que, no dizer dos bardos scandinavos, penetra o mundo como um espirito subtil abraça mais facilmente o immenso do que o minimo, e comprehende melhor as leis que regem os astros do que os cyclos que descrevem as parcellas da materia.

Entre o atomo, cujo genesis escapa á intelligencia humana, e a estrella que se move na amplidão, tantas são as gradações por que a materia vae passando, desde a inercia até á vida, desde o repoiso até ao movimento, desde o amorphismo completo até á fórma perfeitamente delineada, que para estudar e abarcar esta successão infinita de modificações da substancia que se expande no infinito do espaço é necessario o infinito do tempo e a percepção infinita.

Cada dia que passa ostenta a natureza mais uma maravilha, e os olhos do homem, ajudados do microscopio ou do telescopio, debalde aprofundam o abysmo que se lhes rasga em torno, porque jámais attingirão o limite.

Quem podesse seguir, n'um espaço limitado de tempo, todas as transformações de um atomo, admirára um poema verdadeiramente maravilhoso, lêra uma pagina cheia de episodios esplendidos e variadissimos, assistíra a um espectaculo curioso, ao par do qual as visualidades scenicas e as creações mais arrojadas dos maiores genios são pallido reflexo de uma luz longinqua.

A transformação da materia é uma epopêa eterna e

sublime, um cantico sonoro, magestoso, como o deslisar de um grande rio, uma successão de harmonias suaves, largas, cheias, repassadas de grandiosidade, uma prosecução de notas vibrantes e cristallinas, que, ferindo o immenso tympano da natureza, reboam docemente, com a serenidade da omnipotencia, por todo o ambito da creação. Mas no meio d'esta magica epopéa, através do rhythmo compassado e grave que embala os mundos e imprime o movimento vital a toda a materia, irrompe, de quando em quando, uma melodia suave, um hymno festivo, uma volata caprichosa, uma endecha melancolica, um cantico de morte. Então a epopéa torna-se drama, tragedia, idyllio ou ballada.

Os episodios com que a natureza, a eterna poetisa do universo, entresacha as suas obras; as peripecias com que matiza o vortice da sua actividade, são porventura o que mais prende e captiva a attenção do homem, o qual, pantheista por indole, vê em toda a parte a representação fiel, a imagem viva das suas paixões, do seu sentir e crer. É por isso que a zoologia e a astronomia são sciencias antiquissimas, porque em ambas póde o homem primitivo fabular á vontade, e crear seres monstruosos ou deuses imaginarios, com que representasse os seus sentimentos, todas as feições do seu viver mais ou menos aventuroso e contemplativo.

Mas ainda aqui sobrepujou e venceu a natureza as hybridas creações da imaginativa. Os dragões, os hypogriphos, os centauros, todos os seres fabulosos com que os antigos enriqueceram a poetica e a mythologia, e não raro a sciencia, nada valem em comparação da verdade, e só os insectos pela sua parte dão mais pasto á curiosidade e á admiração, do que as mais esplendidas creações com que todos os povos no berço povoaram ceos e aguas, ar e terra.

E d'entre os insectos os lepidopteros, as borboletas elegantes que todos conhecemos e admirâmos quando as vemos a voejar nas campinas ou a queimar as azas na luz, cujos raios brilhantes as attrahem e lhes dão morte cruel, vivem uma vida tão simples, tantas são as maravilhas e estranhezas que ostentam aos olhos do observador, que será meritorio rastrear em rapido compendio o cyclo descripto por estes animaesinhos, que alegram e contentam o homem, assim de dia como de noite, no descanço do lar ou na lida campestre.

(Continúa) A. Osorio de Vasconcellos.

---

## A MESTRA DA VIDA

*Usus et impigræ simul experientia mentis Paulatim docuit.*

O uso e a solicita experiencia nos foi ensinando pouco e pouco.

O nosso immortal épico demorou-se em fazer sentir, em algumas estancias do canto VI dos *Lusiadas*, que o homem só póde alcançar as honras, *propriamente suas*, por extremos de valor, por serviços relevantes feitos á patria. Só assim se adquire a verdadeira nobreza; só assim

«.....o peito um callo honroso cria,
Desprezador das honras e dinheiro;
Das honras e dinheiro, que a ventura
Forjou, e não virtude justa e dura.»

Logo depois apresenta Camões um pensamento altamente philosophico sobre o grande poder da experiencia, dizendo:

«Desta arte se esclarece o entendimento,
Que experiencias fazem repousado.»

E assim é. A experiencia torna socegado o espirito, dando-lhe a quietação, que jámais adquire quando ella lhe falta.

Mas não é só o remanso do entendimento o fructo da experiencia; é ella o pharol mais luminoso que póde guiar o homem no caminho da vida; é ella a fonte de salutares desenganos; é ella a mestra mais sabia e discreta da humanidade.

Reunamos alguns conceitos, de diversos pensadores, que nos mostrem a experiencia em todas os seus aspectos, significação e moralidade.

«Ninguem condemne, diz o nosso insigne João de Barros, ninguem condemne as primeiras culpas de seu visinho, em quanto tiver vida, porque ainda tem tempo para ver as segundas em sua casa.»

O reflexivo Diogo do Couto, avisado pela experiencia, offerece-nos esta ponderação:

«Não parece conselho para seguir, porque nunca deixou de ser imprudencia entrar em trabalhos por parecer de pessoas que ficam fóra d'elles.»

Attentae bem nas seguintes palavras que D. Fr. Bartholomeu dos Martyres proferiu depois que fez deixação do arcebispado:

«Hora desengane-se o mundo (e crêião-me como *experimentado* e acutilado) que o que lá chamão dignidades e cargos honrósos, não tem mais de seu que aquellas vistas e representações de magestade; que tudo o mais são perpetuas occupações e cuidados, e os mais delles muy penósos.»

Ainda no modo novo de viver politico dos nossos dias a experiencia é um escudo forte contra as demasias de sensibilidade.

Reparae bem no que vou apresentar.

Lerminier, fallando de uma polemica mui calorosa, e até violenta, que mr. Edgard Quinet sustentou a respeito dos jesuitas, fez reparo na estranheza com que este ultimo recebia as aggressões da imprensa, e no demasiado fogo com que entrava na liça. Por esta occasião exprimiu Lerminier estas avisadas sentenças, que assignalam caracteristicamente os inconvenientes da falta de experiencia na agitada vida de hoje:

«Ahi se revela bem o homem douto solitario, que, escrevendo no retiro do seu gabinete, desconhece o seculo em que vive. Se porventura se tivesse dado ao trabalho de olhar para fóra, teria visto que n'estes nossos tempos ninguem está ao abrigo da calumnia e do insulto; teria reconhecido que todos passam por essa prova, por esse baptismo, os mais altos personagens, do mesmo modo que os particulares mais obscuros, os sabios e os politicos, a virtude e o talento; e então acharia elle natural o ter tambem o seu quinhão n'esta distribuição de injurias.

«Na polemica só é verdadeiramente poderoso o espirito quando está senhor de si e da sua colera. Os combatentes noviços estão sempre furiosos; mas o athleta experimentado conserva-se tranquillo, aproveita-se da opportunidade, escolhe o terreno e fere com discernimento.»

Vejamos outros aspectos da experiencia.

«A experiencia é menos o fructo de um numero grande de annos que tivermos vivido, do que do numero de momentos em que tivermos feito observações.»

Repare-se bem n'este enunciado. Um homem muito velho poderá ser tão leviano e inconsiderado como um mancebo, se acaso houver deixado passar despercebidos os acontecimentos, se jámais houver *observado* e *reflectido*. A experiencia, pois, não é um acto de memoria, é o resultado da reflexão sobre uma longa serie de factos, de que tomámos nota e que attentamente examinámos e observámos. Não basta *haver durado e envelhecido*, é indispensavel *haver meditado*.

«A experiencia é o facho da velhice, mas não deve allumiar só a velhice; cumpre que o seu clarão irradie pelo caminho que a mocidade tem que percorrer, antes de chegar ao termo em que tudo é incerteza e trevas.»

Este imaginoso pensamento de Lacroix pinta-nos o facho da experiencia guiando os anciãos, mas lançando para traz uma luz que allumia os passos da mocidade.

Mad. Du Chatelet exprimiu de um modo muito significativo os grandes uteis da experiencia, quando disse:

«A experiencia é o bastão que a natureza deu a nós outros cegos para nos encaminhar nas nossas investigações; apoiando-nos n'elle andámos bastante caminho, mas, se deixarmos de fazer uso de um tal apoio, indefectivelmente havemos de cair.»

Como ha de aproveitar-se das lições que escarmentaram os outros aquelle que não sabe fazer uso da experiencia propria?

Quereis ser crianças em toda a vossa vida?

Ide, pois, armazenando a experiencia, que mil e mil occasiões tereis de a despender proveitosamente.

Não aguardeis a edade provecta, para não succeder que a experiencia chegue tardia, e para evitardes a occasião de dizer tristemente, como Fontenelle: *Sinto já que vou acabando, porque começo a ver as coisas taes como em realidade são.*

Fôra-me facil tecer um discurso seguido, no qual demonstrasse largamente o alto preço da experiencia; mas julguei que os rapidos esbocetos que ahi ficam, são de si menos enfadonhos e mais fortemente excitam as cogitações dos leitores. JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

## ILHA DO PRINCIPE

(Vid. pag. 225)

Representa o giro commercial da ilha do Principe, segundo o mappa estatistico da alfandega de 1865, um valor de 70:131$141 réis, dos quaes pertencem á exportação 36:087$420 e á importação 34.047$729.

Aos partidarios da balança do commercio, parecerão estes algarismos um symptoma da prosperidade commercial da colonia em relação á sua área e população. Não acontece, porém, assim. Só pela agricultura se ha de ella adiantar, e então será mais lucrativo o seu commercio.

Tomei eu para base d'estas observações o rendimento de 1865, que é quasi o duplo da média do decennio anterior, e entretanto se esse rendimento mostra que a riqueza publica augmentou, analysando-o minuciosamente ver-se-ha que são ainda muito inferiores as condições da ilha.

Esse giro commercial de setenta contos é dividido por cinco negociantes, e não dá o lucro que á primeira vista póde parecer, por causa de um certo circulo vicioso que alli se nota e que neutralisa todos os desejos de formar ou accumular capitaes. Os trinta e seis contos da exportação representam um valor quasi nominal para os proprietarios da ilha, e portanto tambem é nominal o interesse d'esse capital, porque dos productos exportados poucos o são pelos proprios donos, mas sim comprados ao povo e aos escravos que os furtam das plantações. Não será temerario affirmar que o cultivador, tendo uma colheita de mil arrobas de cacau, perde metade que lhe roubam; e por isso, quando vende, recebe metade do valor que devêra receber, tendo feito despezas de cultura talvez equivalentes ao producto da venda. Não será temerario affirmar tambem que n'aquella ilha dois terços da população vive em ociosidade á custa do outro terço.

Uma tal população não póde deixar de ser pobrissima e miseravel.

Os artigos principaes de exportação na ilha do Principe são o cacau e o café, e as frutas e refrescos (ananaz, banana, côco, inhames, gallinhas e porcos) que se fornecem aos poucos navios que alli vão prover-se. Da farinha de mandioca, tapioca, tartaruga, tabaco e algodão já se exportaram quantidades promettedoras; a exportação do assucar foi valiosissima, mas actualmente nem um só d'esses artigos sae da ilha, e nem um torrão de assucar se fabrica, por não haver canna.

A cultura do cacau é que mais tem progredido n'estes ultimos annos. As plantações vão-se fazendo em maior escala, como se viu pela exportação de 1855.

Os artigos principaes de importação reduzem-se á aguardente e aos tecidos de algodão e generos alimenticios. O valor da aguardente despachada para consumo em 1865 sobe de 6:000$000 réis, e o dos tecidos de algodão aproxima-se de 9:000$000 réis em numeros redondos.

O resto que falta para prefazer 34:000$000 réis consiste em arroz, assucar, azeite, bacalhau, batatas, bolacha, calçado, carnes salgadas, chapéos, cebollas, cera em velas, cerveja, cognac, farinha de trigo, fato feito, ferro em diversos artefactos, mobilia, peixe sêcco, queijos, quinquilharias, tabaco, taboado, telhas, tintas, vinagre, vinho e varias miudezas.

Bem se vê por isto quanto é acanhado o commercio de importação. Alguns especuladores de fóra tentaram já tirar resultado da compra de cacau e café para exportação, mas a quantidade é tão pequena em relação ao numero dos compradores, que não vale a pena para alguem ir estabelecer-se na ilha do Principe para esse fim; e, entretanto, convém para as pessoas lá estabelecidas.

O custo do café é de 2$400 réis fortes por arroba; accrescentando-lhe os direitos na alfandega da saída, e na de Lisboa, frete, saccos, cinco por cento para quebras e differença de balança, tres por cento de commissão e um por cento de seguro, sae por 3$550 réis em Lisboa, onde quasi sempre se vende por 4$000 a 4$500 réis.

O custo do cacau é de 1$440 réis fortes; accrescemlhe as despezas equivalentes e mais vinte e cinco por cento para quebras, e sae por 2$600 a 2$640 réis em Lisboa onde se vende por 3$000 a 3$500 réis.

Tendo de dar noticia das producções da ilha do Principe, vejo-me obrigado a confessar a minha crassa ignorancia em historia natural, mas apresentarei a lista dos productos que sei existirem n'aquella ilha. São os seguintes:

Paus de construcção e marcenaria: — azeitona, pau-ribeira, pau-mastro, socopira, gogó, amoreira.

Arvores de fruta: — palmeira de *Dendem*, de que se fabrica o azeite de palma; tamareira, coqueiro, Iza, que produz um fructo maior que a melancia, do qual as pevides são aproveitadas pelos filhos do paiz para certos manjares; cacau, café, algodoeiro, ocá, que produz a lã vegetal, e chamam-lhe poilão em Guiné; amendoeira, anoneira, bananeira, cajueiro, canafistula, cidreira, limoeiro, toronjeira, laranjeira, mangueira, papaieira, tamarineiro, nespereira, abbacati, arvore-pão, mamoeiro, sabe-sabe, canelleira, saponaria, o fructo é do tamanho de uma ginja e serve para, dissolvido em agua, lavar sedas.

Paus e outros productos para tinturaria — Pau alcaçuz, côr de canna; pau gogó, côr de tijolo; pau nespera, côr de canella; pau ová, côr de mel; pau sangue, côr de ganga; pau vermelho, côr de sarro de vinho; almagre, terra vermelha; urucú (planta), tinta vermelha; ocre, terra roxa, gredelim, amarello e branco; pau dragoeiro, de que se extrahe o sangue de drago.

Diversos vegetaes—herva-doce, araruti, roseira, couve, gengibre, cola, tapué, quiabos, ossame, maracujá,

goiaba, jambo, batata doce, safú, pecego, inhame, malagueta, pepino, sensitiva, tabaco, mandioca, agrião, gomma gutta, arroz, avenca, canna indica, feijões, tomates, abobora, alface, pepino, alecrim, rosmaninho, ananaz, anil, beldroegas, cebolla, coacos, figos, milho, mostarda, e muitos outros completamente desconhecidos.

Mamiferos — bois (muito poucos), cabras, ovelhas, porcos, gato de algalia, macaco.

Insectos e reptis — além das formigas, borboletas, baratas, abelhas, moscas e cupim, ha muitos insectos completamante desconhecidos. Ha diversas especies de cobra todas pequenas e nenhuma venenosa. O cem-pés é o insecto unico cuja mordedura faz soffrer dores atrozes.

Pesca — tubarão, cherne, peixe voador, esponja, tartaruga, alvacora, corvina, dourada, bicuda, moréa, judeu; e apparecem algumas baleias e toninhas.

Productos manufacturados pelos habitantes — tabaco, tapioca, vinho de palma, azeite de palma, farinha de mandioca, azeite de côco, telha de barro.

Volateis — Não ha aves de rapina, exceptuando um pequeno môcho que vive para as partes de oeste, e que é raro.

Djódjô *(Martin-chasseur)*: é uma especie de picaflor. Vive nas proximidades das ribeiras. Plumagem azul clara.

Pica-peixe *(Martin-pêcheur)*: é da mesma especie que o antecedente, tem o bico vermelho e de uma grandeza igual á de metade do corpo.

Maria-palú: é uma especie de pêga pequena, toda




Casas da ilha do Principe

negra, com os olhos vermelhos. Chamam-lhe tambem feiticeira.

Sóbó: é o *follotocolle* do Gabão, especie de cuco. Tem o dorso de um verde metallico luzidio. As pennas são arredondadas e curtas, de modo que parecem escamas, com reflexos azulados e doirados. O peito é côr de gemma de ovo. Vive nas montanhas e é raro.

Estorninho: côr de violeta com reflexos metallicos. Parece uma especie de melro. Ha outra especie mais bonita e mais rara.

Mello ou melro: tem a grandeza de um pisco, e suppõe-se pertencer á ordem dos verdelhões *(verdiers)* e similhantes. Os machos são côr de gemma de ovo, as femeas côr de limão com o ventre branco. Os primeiros tem o bico preto; as segundas tem-n'o amarellado. Os olhos são brancos.

Pardal: ha dois passaros a que dão este nome. Ambos se parecem com os canarios. Um tem na cabeça muitas pennas encarnadas; o outro é todo de um pardo esverdinhado. Este ultimo vive a oéste da ilha e é raro.

Sivi-singa: pequeno volatil da ordem dos *grasbecs*, tem o bico cinzento claro, cabeça e dorso côr de castanha escuro, peito e ventre branco e as azas mosqueadas de preto. É commum na costa occidental de Africa.

Sivi-gigû: volatil da ordem dos chenchranos *(ortolons)* e do tamanho de um canario. O dorso côr de castanha e o ventre e peito côr de purpura. Olhos vermelhos.

Sivi-boca-longo: ha d'esta especie no Gabão onde os francezes lhes dão o nome de *nectarine;* é cinzenta escura e tem o pescoço côr de violeta.

Sivi-boca-longo: outra especie, de côr verde com pennas amarellas nas azas.

Sivi de mandioca: é uma ave que se assimilha ao melharuco *(mésange)*; todo cinzento claro.

Ové-gapau; dão-lhe os francezes o nome de *pouillot à lunettes*.

Sessia: pombo verde com bico recurvado.

Rolla: exactamente como a de Portugal.

Pombo: é como o de Portugal, mas cinzento.

Garça: mais pequena do que as nossas.

Gallo de agua: especie de garça.

Garça branca: garça real (raras).

Corvão: parece da familia das cegonhas *(Ibis)* mas é maior. Tem na cabeça uma poupa que cae com elegancia sobre o pescoço. Os pés assimilham-se aos do gallo. À primeira vista parece uma ave de rapina, mas não tem garras nem bico recurvado. É quasi todo castanho escuro com reflexos de um lindo verde bronzeado nas azas, e no dorso o reflexo da plumagem é quasi côr de violeta. Vive em oeste e é raro.

Tjou-toi-pa: dão na ilha este nome a tres passaros diversos, que são raros e segundo ouvi ao naturalista allemão dr. Dhorn, são de familia desconhecida pela ornithologia.

Maçarico: duas especies, uma de bico recurvado e outra que tem o bico direito.

Pascousha: andorinha de duas especies, suppõe-se ser o martinete de Abyssinia.

Rabo de tesoura: andorinha do mar com o peito branco. Dão-lhe aquelle nome porque as extremidades das azas são mais compridas do que a cauda e cruzam-se na fórma de uma tesoura.

Ha tutinegras e taramellas *(traquets)*, mas são raras e não tem nome no paiz, porque as conhecem pouco. Alguns lhes dão o nome de nigrita.

São communs o morcego, rabo de junco e papagaio.

D'estas aves que vi empalhadas em uma collecção feita na ilha pelo dr. H. Dhorn e pelo desenhador hollandez J. G. Keulemam, não me foi possivel dar descripção mais minuciosa não só por desconhecer os nomes portuguezes de muitas d'ellas, como pela deficiencia de meus conhecimentos ornithologicos.

Aos curiosos que forem ao Principe será facil obter estes exemplares, perguntando aos filhos do paiz pelos nomes creoulos que vão designados e com que estas aves são alli conhecidas.

Além d'estes volateis ha toda a especie de aves domesticas, a gallinha, a gallinha de Guiné, o gamo e o perú.

(Continúa) F. DE LENCASTRE

## PORTUGAL

### CURIOSIDADES NATURAES

I

Nos paizes mais adiantados na civilisação apreciam-se as curiosidades naturaes, não só como objectos dignos de attenção e de exame, mas tambem como fontes de riqueza para as povoações visinhas. N'esses paizes publicam-se livros e periodicos que revelam aos nacionaes e aos estrangeiros a existencia d'aquelles phenomenos da natureza, indicando-lhes a sua situação, e excitando-os, por conseguinte, a procurarem o prazer de os conhecerem por seus proprios olhos. D'est'arte se tem estabelecido concorrencia de viajantes para muitas terras que, antes de taes annuncios e pregões, nunca ou raras vezes recebiam hospedes. Povoações ha, que, tornando-se por este facto em grandes hospedarias, a isso devem o seu engrandecimento, a sua civilisação, e os melhoramentos que, de feias que eram, as fizeram formosas.

Entre nós, os livros onde se acham indicadas algumas d'aquellas curiosidades, são poucos, e, infelizmente, de pouca gente conhecidos. Ainda mais raros são os individuos que viajam pelo interior do reino com animo estudioso e proposito investigador, e rarissimos os que revelam ao publico o resultado das suas observações. Faltam-nos, em fim, o que todas as nações cultas hoje possuem, bons guias ou roteiros de viajantes no reino; de sorte que quasi tudo o que n'esse genero possuimos jaz occulto, tão ignorado ou desprezado, que nem o que fica proximo dos sitios mais concorridos consegue attrahir a attenção publica.

Não ha em Portugal, é certo, d'essas cascatas magnificas e grutas maravilhosas que fazem a admiração dos viajantes que percorrem a Italia, a Belgica, a Irlanda e outros paizes afamados por esse genero de bellezas. Todavia, o nosso paiz encerra não pequeno numero de curiosidades naturaes, que merecem ser vistas, pelo menos, pelas pessoas intelligentes e de bom gosto.

O *Archivo* já por vezes se tem occupado d'esta materia, offerecendo aos seus assignantes as perspectivas em gravura de varias curiosidades naturaes, entre outras as formosas *cascatas do Alviella*, proximo de Pernes, e do *Regovão*, em Traz-os-Montes; a *boca do inferno*, junto a Cascaes, etc.

Parece-nos, pois, que não será mal recebida uma serie de artiguinhos, nos quaes consignaremos as noticias que encontrarmos dispersas em livros antigos, bem como as nossas proprias observações sobre o assumpto em questão. Na difficuldade, quasi impossibilidade, de obtermos desenhos ou photographias de objectos situados, na maior parte das vezes, longe de povoado e em muita distancia dos grandes centros de população, não nos prenderemos com a falta de gravuras. O fim a que nos propomos não é propriamente descrever com exacção esses objectos curiosos, mas sim indical-os, para que possam ser observados, pelo menos, pelas pessoas que transitarem pelas povoações proximas. Vamos começar pelas curiosidades que temos, por assim dizer, ao pé da porta.

#### GRUTA DE PORTO COVO

A serra de Cintra contém algumas curiosidades naturaes mais ou menos notaveis. As diversas *grutas* que compõem a egreja, o refeitorio e mais officinas do extincto conventinho dos frades capuchos; as *duas lapas da sua cêrca*, uma subterranea, celebrada pela vida eremetica e penitente que n'ella fez um religioso, e a outra no dorso de um pincaro, d'onde se descobre dilatado e formosissimo panorama de campinas, montanhas, povoações e mar, com as ilhas Berlengas: a *Pedra de Alvidrar*, immenso rochedo, de superficie plana como uma lage, collocado quasi perpendicularmente sobre o Oceano, a pouca distancia do logar de Almoçageme; a medonha caverna, chamada o *Fojo*, que se abre perto d'alli com uma vasta boca circular na coroa de uma elevação de terreno, e que, rasgando as entranhas da terra até grande profundidade, em fórma de funil, recebe no fundo as aguas do mar, que aqui penetram na maré cheia por canal subterraneo através de rocha dura; tudo isto é conhecido não só dos que frequentam Cintra, mas até commummente, dos que visitam pela primeira vez esta deliciosa estancia. Porém a mais notavel curiosidade, que a montanha encerra em si, póde-se dizer que é desconhecida de quasi toda a gente. É mui limitado o numero de nacionaes que a tem visitado. Os que a demandam, ordinariamente, são estrangeiros, principalmente inglezes, que, em geral, investigam e apreciam taes objectos, mais do que qualquer outro povo.

Essa curiosidade, pois, é a *gruta de Porto Corvo*, situada nas vertentes da serra de Cintra do lado de léste, a pequena distancia do antigo convento de Penha Longa. É necessaria uma escada de mão para descer e entrar na gruta, o que se encontra facilmente em uma aldeia visinha. Compõe-se esta gruta de dois vãos, o primeiro maior, o segundo mais pequeno, communicando-se ambos por uma abertura a modo de galeria de mina, mas tão baixa que só de rastos se póde atravessar. Estas duas grutas tem as paredes e abobada por tal fórma revestidas de cristallisações e estalactites, que offerecem um espectaculo maravilhoso a quem n'ellas entrar, quando o sol, penetrando por uma fenda, que se abre nas rochas, que constituem a abobada da primeira gruta, illumina

e faz scintillar como diamantes os cristaes que a guarnecem. Vista de noite á luz de um archote ainda a perspectiva é mais admiravel, porque o clarão do facho, espalhando-se com egual força por toda aquelle espaço torna a gruta verdadeiramente refulgente.

Não chegámos a ver esta lapa singular no seu perfeito estado de conservação. A primeira vez que alli entrámos já se viam evidentes signaes de lhe terem partido algumas estalactites, que pendiam da abobada, e arrancado cristallisações das paredes. Entretanto, essa pequena falta não prejudicava o effeito geral. Voltámos lá passados annos e achámos maior devastação. Mas ainda assim era muito para ver e admirar. Consta-nos agora que os estrangeiros que alli vão, sobre tudo inglezes, tem continuado n'aquella obra de destruição, levando, como memoria d'aquelle bello capricho da natureza, esses fragmentos das suas galas.

O visinho mosteiro de Penha Longa, de que tratámos a pag. 135 do vol. VI, foi edificado no tempo del-rei D. Manuel, e no reinado de seu filho, el-rei D. João III, um monge, que era n'elle conventual, descobriu casualmente aquella gruta. O dom abbade, prelado do mosteiro, como homem intelligente e de bom gosto, mandou fechar com uma porta de madeira a entrada da gruta, cuja chave guardava, e depois d'elle se conservou em poder dos seus successores, franqueando-a, todavia, ás pessoas que desejavam ver aquella curiosidade natural. Pela extincção das ordens religiosas deixou de haver quem olhasse pela conservação da gruta, e foi então que principiaram a devastal-a.

I. DE VILHENA BARBOSA.

---

## O PRESTES JOÃO DAS INDIAS

(Vid. pag. 271)

Chegaram no entretanto a Roma noticias do que se passava nas Indias, e o padre santo mandou que se fizessem préces publicas a fim de que Deus inspirasse á rainha a idéa de casar-se com um christão, coisa que redundaria em gloria e augmento da christandade. Por aquelle tempo havia em Roma um Prestes ou sacerdote muito moço, conhecido singelamente sob o nome de Prestes João, mas que era o assombro de todos por saber, virtudes, zelo religioso e gentileza.

O Prestes João apresentou-se ao padre santo e disse-lhe:

— Santissimo padre, o que se passa na India é coisa mais seria do que á primeira vista parece. N'aquelle paiz ninguem crê em Deus nem em santa Maria, porque todos alli são atheus. Se a rainha se casar com um judeu ou um mahometano, perderemos tudo, porque tudo se irá pela agua abaixo; mas se a rainha se casar com um christão, perderei eu a cabeça se passados um par de annos não forem todos os indios tão christãos como nós. Uma graça vou, pois, pedir a vossa santidade.

— Vejâmos qual é.

— Que vossa santidade permitta que parta para as Indias, a fim de ver se faço entrar aquella gente no bom caminho.

— Concedo-te a licença pedida, meu filho.

— Pois immediatamente me dirigirei para lá.

— Toma cuidado, meu filho, não te illudam aquelles infieis, e particularmente os judeus...

— Illudir-me! Não, senhor, porque julgo que sei mais que elles por muito que saibam.

— Pois vae-te com Deus e leva comtigo a minha benção paternal.

— Agradecido, santissimo padre!

Dito e feito; o Prestes João, acompanhado de um mui luzido sequito de sacerdotes, entre os quaes se contavam os melhores cantores de Roma, e provendo-se de riquissimos ornamentos de igreja e até de um orgão que era o que havia de melhor, tomou o caminho das Indias.

Os inglezes, felizmente, não eram por aquelles tempos tão philantropicos como hoje, pois se o fossem, não deixariam de armar-lhe alguma cilada, suppondo que para civilisar os cipayos é mais eloquente a sua artilheria carregada de metralha que o hyssope dos missionarios catholicos carregados de agua benta.

III

Os judeus e os moiros souberam que o Prestes João se dirigia ás Indias, e andavam já como sobre alfinetes, porque havia tempo que as trombetas da fama lhes dera noticia do saber, da virtude, do zelo religioso e da gentileza do Prestes João.

Chegou o Prestes João com o seu sequito, e a rainha ficou encantada da graça e dignidade com que a saudou, tanto que não póde deixar de murmurar ao ouvido do presidente do conselho:

— Não te parece que este christão é muito bom moço?

Vendo o Prestes João que a rainha se mostrava muito benevola para com elle, apresentou-se a sua magestade e disse-lhe:

— Senhora, vejo que vossa magestade se conserva ainda indecisa sobre se deve casar-se com um christão, com um mahometano ou um judeu. Asseguro a vossa magestade que a religião christã é a mais verdadeira, grande e salvadora, porque as demais são religiõesitas de tres ao vintem, que nem com cem varas chegam ao ceo, d'onde procede e onde o christianismo ampara a sua augusta fronte. Se vossa magestade quer convencer-se de que quanto digo é o Evangelho, não tem mais que ordenar que compareçam á sua presença judeus, mahometanos e christãos, para discutir um pouco sobre qual é a melhor religião, e sobre tudo qual é aquella a que as mulheres mais devem, que este é o assumpto principal nas circunstancias presentes.

— Pois não tenho inconveniente de acceder aos teus desejos, respondeu a rainha. Amanhã vos apresentareis todos ante mim, e veremos quem leva a palma.

No dia seguinte, com effeito, a rainha estava sentada no seu throno, e as tres religiões representadas pelo Prestes João, e pelos judeus e mahometanos mais doutos, dispunham-se a discutir perante sua magestade.

— Abre-se a sessão, disse a rainha; e como o que havia incitado tal assembléa era o Prestes João, e n'este presupposto devia consideral-o como o primeiro que tivesse pedido a palavra, a rainha accrescentou:

— Tem a palavra o Prestes João.

Os judeus e musulmanos proromperam em murmurios, accusando a presidente de parcialidade; mas sua magestade impoz-lhes silencio com a força da campainha e de algumas razões convincentes.

— Senhores, disse o Prestes João, trata-se de esclarecer sua magestade a rainha ácerca de um assumpto gravissimo, qual é a escolha de marido. O que interessa a sua magestade é saber qual lhe convém mais, se um marido christão, se um marido mahometano, ou se um marido judeu; e, no meu humilde entender, o assumpto decide-se para sua magestade desde o momento em que esta augusta senhora, ou, antes, menina, saiba qual das tres religiões é a mais amiga dos fracos em geral e da mulher em particular. Começaremos pela religião judaica.

A mulher era serva e não companheira do homem no povo de Israel. Quasi nas suas primeiras paginas nos offerece testimunhos d'isso o antigo Testamento, pois nos diz que Abrahão, marido de Sara, tomou por mulher a Agar, sua serva, quando Sara ainda vivia;

e pouco mais adiante conta que Esaú casou ao mesmo tempo com duas donzellas chananeas. O decalogo revelado depois a Moysés no alto do Sinai, dizia: «Não desejarás a mulher do teu proximo»; e Salomão, que era o prototypo da sabedoria hebraica, teve milhares de concubinas. Pergunto agora a sua magestade a rainha, se quando se casar tolerará que seu marido tenha uma ou mais substitutas.

— Outras mulheres que me substituam!... exclamou a rainha indignada. Não estaria disposta para isso! Antes me enterrarão com palmito e capella.

— Prosigo, pois...

Os judeus interrompem o orador desgostosos pela má face que apresenta a sua causa; mas a rainha os fez novamente calar com a força da campainha e da ameaça de que os mandaria expulsar da sala.

O Prestes João continúa:

— Basta de judeus, dos quaes devéras me compadeço, embora seja sómente porque estão condemnados a esperar o Messias até á consummação dos seculos, o que é sufficiente castigo por terem crucificado Christo, pois, como diz o rifão, o que espera desespera. Vamos agora aos mahometanos. Quem era Mafoma?

— O propheta de Deus! exclamam os mahometanos, pondo as mãos no peito e inclinando-se profundamente.

— Não ha tal propheta, nem tal historia...

Agora o vereis, senhores! Dizer isto o Prestes João e metterem os moiros mão aos alfanges, rugindo de colera, foi tudo a mesma coisa; mas a rainha agitou a campainha com maior força e mandou entrar a guarda, e, graças a esta energia da presidencia, os mahometanos accommodaram-se e o orador conseguiu por fim continuar:

— Mafoma era um homem que passava por sabio e grande entre os seus compatricios, pela simples razão de que em terra de cegos quem tem um olho é rei, e disse para si: como andarei melhor para dominar estes barbaros que só pensam em divertir-se com as raparigas? Como? Fabricando-lhes uma religião baseada no grosseiro sensualismo e fazendo-lhes crer que um anjo me serviu de apontador. E dito e feito: aldrabou o Alcorão, segundo o qual, a mulher e o cavallo vem a ser a mesma coisa para o homem, só servem para o divertir, e fez crer aos seus parvos compatriotas que no outro mundo hão de encontrar houris ou bellas raparigas ás duzias.

— E de certo que havemos de encontral-as! gritam furiosos os mahometanos.

— Mas que hão de encontrar vocês? Hão de encontrar tições, porque vocês são tão barbaros que se passam seculos e seculos sem darem um passo sequer no caminho do progresso. Mas, voltemos ao que é a mulher sob a estupida religião de Mafoma...

— Tome-se nota d'essas palavras! gritam arrebentando de colera os mahometanos.

— Não é isso da minha real vontade! respondeu a rainha. Continue o orador tranquillamente o seu discurso, pois aqui estou para mantel-o no uso da palavra.

— Continuarei pois: Parte-se o coração e cae a alma aos pés ao ver o que é a mulher entre os mahometanos. Já se não contentam estes senhores com ter duas ou tres mulheres, que as tem aos centenares encerradas n'esses carceres a que chamam serralhos ou harens. Atravessa um homem as mais populosas cidades mahometanas e não encontra uma mulher sequer para um remedio, e é porque esses barbaros até as privam do ar e do sol, o mais precioso que a natureza destina á creatura. Horror cem vezes negam á mulher, ente formoso, todo amor e ternura, ao qual todos havemos dado o doce nome de mãe, até o ar e o sol que não se negam aos irracionaes mais immundos! Maldição sobre essa lei impia, sobre o falso propheta que a deu, e sobre o povo barbaro e fanatico que a acata!

— Ah perro christão!... gritam os musulmanos ao ouvir a apostrophe energica do Prestes João, e mettendo novamente mão aos alfanges, punhaes e espingardas, mais furiosos que da primeira vez, iam commetter uma barbaridade; mas a rainha ordenou que entrasse de novo a guarda, a qual os desarmou e os moeu que não havia por onde apanhal-os.

Apaziguado este tumulto, o Prestes João continuou o seu discurso:

— Que differença entre o que a mulher deve á religião christã e o que deve ás religiões mahometana e judaica! Uma boa mulher, Maria, em cujas entranhas encarnou o Verbo Divino, senta-se ao lado do Filho de Deus no ceo, e assim como Jesus os homens lhe dão o doce nome de mãe. A religião christã glorifica a mulher, destinando-a para a mais alta missão, e Jesus proclama a egualdade de todas as creaturas humanas e diz aos meninos que se aproximem d'elle, tornando assim a mulher da mesma condição que o homem, e glorificando os fracos, em cujo numero se conta a mulher. A religião christã é, pois, a unica que emancipa a mulher da escravidão e do opprobrio a que a condemnam as religiões judaica e mahometana. Disse quanto tinha que dizer, e veremos agora quem é o maganão que se atreve a contradizer-me.

— Cabe a palavra aos judeus, disse a augusta presidente.

— A religião de Moysés, replicou um rabino judeu, assoprando de coragem, não necessita de metter-se em discussões para provar as suas excellencias sobre todas.

— Ficámos inteirados! disse a rainha, e accrescentou:

— Tem a palavra os doutores mahometanos.

— Os verdadeiros crentes, que somos nós, respondeu um morabita, só discutimos ás cacetadas...

— Isso é brutalmente, exclamou a rainha indignada. Sendo, porém, mui adiantada a hora e não havendo outro assumpto que tratar, levanta-se a sessão.

(Continúa)

## BONS CONSELHOS

Não mintaes, ainda em coisas leves e caseiras. Não murmureis, ainda em coisas já sabidas, porque se n'isso não offendeis a virtude da justiça, trataes mal a da caridade. Não furteis nem retenhaes quantidade pequena. Não falleis palavras ociosas, que no Evangelho está escripto que de qualquer d'ellas havemos de dar conta. Não intristeçaes nem desconsoleis o pobre com palavras asperas. Não jureis sem necessidade, ainda que seja com verdade. Não retardeis sem causa fazer o bem que promettestes ao proximo, porque ainda que não estejaes remisso e negligente em resistir logo ou expellir os pensamentos contra a castidade, deveis fugir não só da queima, mas tambem do chamusco. Não motejeis o proximo, nem façaes zombaria ou galhofa de suas acções, ou gestos, ou vestidos, ou figura, porque ainda que seja em materia leve como supponho, comtudo fica pesado. Se tendes officio ou quasi officio de despacho, vêde não esperdiceis o tempo, porque a vossa commissão, ainda que leve, póde ser prejudicial. Não comaes sobre posse, ainda que vos não faça por então mal. Fugi de palavras vangloriosas, e de raivas, teimas, revindictas, mofas, chocalhices e mexeriquinhos, ainda que tudo seja em materia leve, como aqui supponho. Nenhum mal, ainda que de pouco damno, façaes ao vosso proximo, nem proponhaes fazer, nem aconselheis a outrem que o faça, nem approveis ou gabeis que o tenha feito.

P. Manuel Bernardes.